

**"OBRA NOVA DA LÍNGUA GERAL DE MINA":
A LÍNGUA EWE NAS MINAS GERAIS**

Aryon Dall'Igna Rodrigues (Laboratório de Línguas Indígenas, IL, UnB)

Há dois séculos e meio, em São Bartolomeu, próximo a Ouro Preto, então Vila Rica, o português Antônio da Costa Peixoto, natural de Entre Douro e Minho, escreveu um pequeno manual de conversação na língua falada pelos escravos africanos que trabalhavam nas minas de ouro. Sua intenção era oferecer aos proprietários de escravos um conhecimento da língua destes para que pudessem compreender o que diziam e assim evitar muitos males que, segundo escreveu, decorriam da falta de comunicação lingüística.¹

Embora Costa Peixoto aparentemente tivesse uma oficina tipográfica,² seu trabalho é conhecido só em dois manuscritos, datados de 1731 e 1741. O primeiro, que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa (Fundo geral nº 3052), com 14 folhas não numeradas, tem por título "Alguns apontamentos da lingua Minna com as palavras portuguezas correspondentes". O outro, escrito dez anos mais tarde, é de 42 páginas numeradas, com o título "Obra nova da lingua geral de mina, traduzida, ao nosso idioma", e se acha na Biblioteca Pública de Évora (códice CXVI/1-14b). Uma cópia deste último (o qual, segundo Silveira, inclui o texto do primeiro) foi promovida em 1944 por Luís Silveira, que a fez publicar pela Agência Geral das Colônias, em Lisboa. Embora Silveira declare, na "Apresentação", ter julgado "conveniente não transcrever alguns passos, (poucos de resto) que pela extrema licenciosidade eram desagradáveis e cuja falta não altera substancialmente o livro nem priva o estudioso de elementos importantes", a censura do governo Salazar considerou isso insuficiente e apreendeu a edição. Por essa razão, Silveira fez nova edição, mais expurgada das traduções portuguesas, mas mantendo as expressões na língua de Mina, a qual foi publicada e distribuída pela mesma agência, embora de maneira restrita, sujeita à autorização do Agente Geral de Ultramar. A esta edição foi acrescentado um estudo do lingüista e etnógrafo africanista Edmundo Correia Lopes, intitulado "Os trabalhos de Costa Peixoto e a língua Ewe no Brasil".

Em 1957 passei um mês em Portugal por encargo do Departamento de Línguas e Culturas Africanas da Universidade de Hamburgo para fazer um levantamento da produção portuguesa sobre as línguas de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau e foi aí que conheci o Dr. Luís Silveira, então Inspetor Geral dos Arquivos e Bibliotecas daquele país, o qual me deu carta de apresentação ao Agente Geral das Colônias para pesquisar na biblioteca da agência e para obter dois exemplares do livrinho de Costa Peixoto, um para o departamento de Hamburgo e o outro para mim mesmo. Uma das bibliotecas que visitei naquela oportunidade foi a de Évora e lá aproveitei para confrontar com o manuscrito original a edição feita por Silveira, tendo anotado à margem de meu exemplar desta todas as divergências que encontrei devidas a leituras equivocadas ou a descuidos de quem executou a cópia para a publicação. A grande maioria das diferenças tem a ver com a leitura dos acentos gráficos sobre as vogais, mas também houve omissão accidental de algumas poucas frases e a omissão proposital – imposta pela censura – de muitas traduções.

De volta à Alemanha, comecei a anotar as formas correspondentes aos itens lexicais da "Obra Nova" registradas no grande dicionário de Westermann, *Wörterbuch der Ewe-Sprache*. Envolvido em seguida com a elaboração de minha tese de doutorado, que defendi em Hamburgo em 1959, mas que tratava da língua Tupinambá aqui do Brasil, e tendo voltado ao Brasil em 1960, afastei-me da lingüística africana e só voltei a lidar com o trabalho de Costa Peixoto na década de 80, quando fiz amizade com alguns estudantes da República Popular do Benin (ex-República do Daomé) que foram fazer um curso de Português na UNICAMP, todos falantes de línguas do complexo dialetal Ewe (eŋe), também chamado mais recentemente Gbe (gbe): dois de Fô (fô), um de Gum (gũ) e outro de Mahi (maxi). Um dos falantes de Fô, Lucien Akabassi, dispôs-se a percorrer comigo todos os dados de Costa Peixoto, dando os equivalentes e prováveis equivalentes em sua língua materna, os quais transcrevi foneticamente.

Pelo menos 90% dos dados do manual de Costa Peixoto foram imediatamente reconhecíveis, não só os vocábulos soltos, mas igualmente as sentenças, de modo a não deixar dúvidas de que a língua em questão pertence ao complexo dialetal Ewe e coincide sobretudo com o Fô. Algumas formas divergem e se identificam com um ou outro dialeto, ora com o Mahi, ora com o Gum. Correia Lopes, no seu estudo, também identificou a língua de Mina de Costa Peixoto com o Ewe, inclinando-se a ver nele o dialeto Gum, o que é reforçado pelo termo dado no manual para traduzir "gente mina" – *guno*, isto é Ewe *gũ-nu* 'pessoa do povo Gum'. Os *gũnu* habitam a região costeira da República Popular do Benim, onde fica a capital Porto Novo. O Fô é, entretanto, a língua africana dominante no território da república (sobretudo em sua parte sul, mais próxima à costa), assim como já era na precedente colônia francesa do Daomé (Dahomey) (África Ocidental Francesa). Como esses dois dialetos do Ewe são muito próximos tanto na fonologia e na gramática, como no léxico, e também pouco diferem do Angló (Ahlo, anlo), que é o Ewe falado em Gana e no Togo, não é fácil decidir a qual dos dialetos corresponde mais exatamente a língua Mina de Minas Gerais. Note-se, ainda, que o nome Mina é, na África, um dos sinônimos para o dialeto Guem (gẽ).³ É possível, entretanto, que no Brasil o termo mina tenha sido usado, como tem sido frequentemente considerado, para designar coletivamente os africanos ("negros Mina") embarcados na Costa da Mina ou mais especificamente no Forte de El Mina⁴

Se o adjetivo *nova* no título do manuscrito de 1741 se explica pela existência da versão anterior, de 1731, menos segura é a interpretação do adjetivo *geral* qualificando *língua*. Se o conteúdo de *língua* é ampliado por ele, é por outro lado restringido pela outra expressão adjetiva *de Mina*: não se trata de uma língua geral da África ou do Brasil, mas mais especificamente da *língua geral de Mina*, seja na África, seja no Brasil. Se na África, essa especificação se referiria mais provavelmente à Costa de Mina ou a uma porção dela. Se no Brasil, ela estaria sendo aplicada pelo menos à região dominada por Vila Rica, a atual Ouro Preto. Se a expressão *língua geral de Mina* tiver surgido no Brasil e mais particularmente em Vila Rica, na primeira metade do século XVIII, pode ter sido inspirada, enquanto terminologia lingüística; na expressão *língua geral* então em uso nas áreas de penetração bandeirante para a Língua Geral Paulista. Qualquer que tenha sido sua motivação, a expressão língua geral de Mina numa região brasileira implica a existência nessa região de uma população ampla e mais ou menos homogênea que falava essa língua.

A *Obra nova* consiste de 899 itens na língua africana com a respectiva tradução em Português. Quase a metade desses itens (426) são palavras avulsas, em geral associadas

semanticamente; a outra parte (473) são frases avulsas ou frases integradas em pequenos diálogos típicos de algumas relações entre brancos e africanos.

Costa Peixoto não forneceu nenhuma informação sobre o modo como escreveu a língua geral de Mina. É claro que se serviu dos hábitos que tinha para escrever o Português, tanto no que respeita ao uso das letras, como no que se refere ao emprego dos sinais diacríticos agudo, circunflexo e til – hábitos da primeira metade do século XVIII, distintos em parte dos hábitos de hoje³. Comparada a escrita dele com a pronúncia da língua Ewe, observa-se apreciável regularidade no registro das consoantes e vogais, seja daquelas cuja realização fonética tem correspondentes em Português, seja das que não fazem parte do inventário fonético-fonológico desta língua. Estas últimas, entretanto, ou ele convencionou escrever de determinada forma, mas sem ter oferecido nenhuma indicação disso, ou simplesmente confundiu com a percepção de outros sons do Português. Vejamos alguns exemplos da sua transcrição em comparação com a do Fô atual. Os exemplos têm um número, que indica sua posição na seqüência dos dados na *Obra nova*; este é seguido da forma em Fô atual e da tradução portuguesa; a esta seguem-se dois pontos e a forma escrita por Costa Peixoto e, entre colchetes, em símbolos fonéticos, a provável pronúncia que daria a essa forma um leitor português ou brasileiro; acrescentou-se ainda a tradução de Costa Peixoto; quando esta diverge, ainda que só ligeiramente, da que foi obtida junto ao informante do Benim.

Consoantes oclusivas de dupla articulação. O Fô tem duas oclusivas de dupla articulação lábio-velares, uma surda e a outra sonora: $k\bar{p}$ e $g\bar{b}$. Ambas foram registradas por Costa Peixoto como simples labiais e, assim, confundidas com as labiais simples do Fô: 168 $k\bar{p}$ 'pedaço de pau': po [po] 'bordão', 62 $af\bar{p}ka$ 'sapato': $af\bar{p}a$ [af'pa], 131 $g\bar{a}k\bar{p}$ 'barra de ferro': $gampou$ [gã'po] 'alavanca'; 122 $g\bar{b}$ 'cabra': $b\bar{o}$ [bo], 51 $g\bar{b}ak\bar{u}$ 'chapéu': $b\bar{a}com$ [ba'kō], 33 $al\bar{g}b\bar{a}kame$ 'em baixo do braço': $al\bar{b}ac\bar{a}me$ [alobã'kame] 'braço'. Exemplos de oclusivas labiais simples (só sonoras): 212 $buk\bar{s}$ 'oráculo': $buc\bar{o}$ [bu'kO] 'cirurgião', 214 ba 'chicote': ba [ba] 'bacalhau de açoutar', 217 $n\bar{u}bi\bar{a}t\bar{o}$ 'mendigo': $n\bar{u}bi\bar{a}t\bar{o}$ [nūbia'to] 'pobre que anda tirando esmolas'.

Consoante oclusiva dental retroflexa. O Fô tem uma oclusiva dental retroflexa sonora d e duas simples, uma surda t e a outra sonora d . Costa Peixoto registrou a retroflexa da mesma maneira que a dental sonora simples, com a letra d : 1 da 'cabelo': da [da], 49 $ad\bar{i}d\bar{s}$ 'urina': $adid\bar{o}$ [adi'do] 'urina'; com oclusiva sonora simples: 218 $d\bar{a}kuno$ 'rico': $d\bar{o}cuno$ [do'kuno], 202 $vod\bar{u}no$ 'sacerdote, pai-de-santo': $av\bar{o}duno$ [avo'duno] 'padre', 205 $aguda$ 'Portugal': $aguda$ [a'guda] 'a Bahía'.

Consoantes fricativas surdas velar e glotal. O Fô tem duas fricativas surdas posteriores, a velar x e a glotal h . A primeira foi identificada por Costa Peixoto com a fricativa áveo-palatal surda do Português e transcrita com ch , enquanto que a glotal foi identificada com a oclusiva (ou com a fricativa) velar sonora do Português e representada pela letra g . Exemplos: 26 $xome$ 'interior da barriga': $choume$ ["Some] 'barriga', 121 xe 'pássaro': $ech\bar{e}$ [e'je], 211 $x\bar{o}t\bar{s}$ 'amigo': $chomto$ [j\bar{t}o] 'amigo, camarada', 223 $ax\bar{o}su$ 'governador': $ach\bar{o}s\bar{u}$ [a'jo'su], 188 $at\bar{a}xoleto$ 'bárbeiro': $atamch\bar{o}lat\bar{o}$ [atã'plato], 291 $xoxo$ 'há muito tempo': $chouchou$ [jo'jo] 'muito tempo'; 6 aho 'miolos': $agom$ [a'gō], 105 $oh\bar{a}$ 'porco': $ugam$ [u'gã], 132 $h\bar{u}$ 'canoa': gum [gū], aha 'aguardente': $agam$ [a'gã].

Aproximante vocálica anterior. A aproximante vocálica anterior j foi percebida como tal e escrita com y , exceto quando precedendo a vogal homorgânica i , caso em que foi escrita com

h , e quando contígua a vogal nasal, caso em que foi escrita com nh : 45 $aj\bar{o}$ 'vagina': $ay\bar{o}$ [a'jo] 'cono', 187 $aj\bar{a}t\bar{s}$ 'ferreiro': $ay\bar{o}t\bar{o}$ [ajo'to], 399 $ajih\bar{u}$ 'brincadeira': $ahigum$ [a.igū] 'zombar ou folgar', 455 $maj\bar{i}$ do ajikū 'vou plantar feijão': $mahidou ahicum$ [ma.i'do a.ikū], 92 ji 'boi': nhi [-i], 97 aju 'couro': $nh\bar{u}$ [nu].

Aproximante vocálica posterior. A aproximante vocálica posterior w foi de percepção difícil para Costa Peixoto, que ora escreveu uh , ora huh : 181 $kowe$ 'argila branca': $couh\bar{e}$ [ko.'e] 'pito de gesso', 193 $g\bar{a}weno$ 'dono de metal brilhante, de quinquilharias': $gauheno$ [gaw.'eno] '(homem) branco', 362 awi 'gato': $ahuhy$ [a.u'i], 372, 373 $wema$ 'escrita, documento': $huhema$ [u.'ema] 'o escrito (documento)'.

Algumas frases: 293 $nd\bar{z}ed\bar{e}$ 'estou suando': $humg\bar{e}dem$ [ūzēdē]; 294 $s\bar{u}s\bar{u}$ 'limpe-se!': $sumsum$ [sū'sū], 295 $Gum\ gkudiho$ (Fô $gkudzi$) 'estou sujo': $humcudiu$ [ūku'diu], 296 $kl\bar{o}$ 'lave-se!': $cl\bar{o}$ [kl\bar{o}], 297 $Gum\ s\bar{o}\ av\bar{o}\ n\bar{a}mi\ mas\bar{u}s\bar{u}$ (Fô ...nu)mi...) 'dê-me a toalha para eu me limpar!': $s\bar{o}v\bar{o}aname\ mas\bar{u}s\bar{u}$ [sovo'aname masu'su] 'dequá atoaalha p^a me limpar', 298 $t\bar{j}ite\ wabi$ 'levante-se e vá (buscar)!': $tit\bar{e}\ huh\bar{a}bi$ [t'i'te .u.'abi] 'levantece ande buscalla'.

Esta é apenas uma notícia do interessantíssimo documento de Costa Peixoto, com o objetivo de esclarecer algumas dúvidas a respeito da língua nele contida: (a) trata-se da língua Ewe (ou Gbe), mais proximamente de seus dialetos Fô e Gum, tais como falados hoje no Benim; (b) o extenso léxico registrado não contém empréstimos do Português; (c) a morfologia e a sintaxe são legitimamente Ewe; (d) não se trata, portanto, de um *pidgin*, nem de um crioulo; (e) é evidência de importação substancial de gente Ewe para a região das minas de Vila Rica/Ouro Preto e de provável predomínio dessa gente naquela região no século XVIII (em contraste com gente de outras etnias africanas).

Referências

- Encyclopædia Britannica 1976. *Macropædia*, vol. 5. Chicago.
 Grimes, Barbara F. 1992. *Ethnologue*. 12a. ed. Dallas: Summer Institute of Linguistics.
 Peixoto, António da Costa. 1945. *Obra nova de língua geral de Mina*. Manuscrito da Biblioteca Pública de Évora e da Biblioteca Nacional de Lisboa publicado e apresentado por Luís Silveira e acompanhado de comentário filológico de Edmundo Correia Lopes. Lisboa: Agência Geral das Colônias.
 Ramos, Artur. 1946. *As culturas negras no Novo Mundo*. 2a. edição ampliada. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
 Rodrigues, Nina. 1945 [1933]. *Os africanos no Brasil*. 3a. edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Notas

- 1 No prólogo ao leitor: "Pois hé serto e afirmo, que se todos os senhores de escravos, e hinda os que os não tem, souvecem esta language não sucederão tantos imsultos, ruhinas, estragos, roubos, mortes, e finalm.te cazos atrozes, como m.tos mizeraveis tem experimentado: de

que me parece de algu(a) sorte se poderão evitar alguns destes descomsertos, se ouvece mais curuzid.e e menos preguisa, nos moradores, e abitantes destes pahises:”

- 2 Diz ele no final de seu trabalho, após um apelo para que comprem e não copiem o livrinho: “...pois notorio e publico, a grande despeza, e esplendido gasto que tenho feito, nesta nova ofesina”.
- 3 *Encyclopædia Britannica* 1976 *Macropædia* 5:422a; Grimes 1992:161.
- 4 Segundo Artur Ramos (1946:307 e 308) os Mina (sobretudo os da Bahia) seriam principalmente os falantes de Txi e de Gã (esta última filia-se também à família lingüística Kwa, a que pertence o Ewe, mas a um ramo distinto, enquanto que o Txi é do ramo Ewe). Sobre a extensão do termo Mina no Brasil veja-se também o que escreveu o famoso geógrafo francês Élysée Reclus em sua *Nouvelle géographie universelle: la terre et les hommes*, no volume sobre a África Ocidental, publicado em 1887: “Os povos da Costa ocidental dos Escravos são representados por um número muito avultado de indivíduos entre os negros e os homens de cor do Brasil, onde são uniformemente designados pelo nome de Minas.” (trad. de Nina Rodrigues em *Os africanos no Brasil*, 3a. edição, p.48).
- 5 Note-se até a primeira metade do século XVIII o acento circunflexo, além de indicar sílaba tônica, marcava as vogais médias abertas E e O e não suas correspondentes fechadas, como nas ortografias mais recentes. Para a média fechada posterior Costa Peixoto usou freqüentemente a seqüência *ou*, que no português por ele falado já devia ter-se reduzido a [o].